

Refletindo sobre o pensamento de Wilfred R. Bion e suas ligações com o pensamento filosófico indiano*

Mario Giampà**, Roma

Em seu livro Atenção e interpretação: uma abordagem científica ao insight na psicanálise e no grupo (1970), Wilfred R. Bion propõe uma psicanálise científica, isto é, uma disciplina que consiste em evitar a memória e o desejo. Neste artigo comparo o pensamento do euro-asiático W.R. Bion com o pensamento especulativo dos brâmanes e dos budistas. Partimos da ideia que a copresença de tempos históricos na vida de cada um e das várias sociedades está presente em nós e que essa copresença (ou presença comum) é um chamado à obscuridade do nosso ser e do nosso agir. Esta obscuridade tem sido iluminada por alguns religiosos e/ou filósofos e/ou místicos indianos, Bhartrhari, Gaudapada, Sankara, e estas verdades têm ocupado um lugar nas reflexões de W. R. Bion e na constituição do estatuto da psicanálise científica.

Palavras-chave: psicanálise científica, Vogue, sonho, Veda, Upanishad, Turiya, dream like memory.

* Trabalho apresentado no anfiteatro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) em agosto de 2003. Publicado na revista *Attualità in Psicologia: Revista trimestral de pesquisa e experiência em psicologia, psiquiatria e neuropsiquiatria*, 19 (3-4) de 2004.

** Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), Società Psicoanalitica Italiana (SPI) e International Psychoanalytical Association (IPA).

“Qualquer forma de ação neste mundo está fundada na palavra. Não há ideia que não adquira a forma da palavra: todo conhecimento aparece penetrado pela palavra” (Bhartrhari apud Padoux, 1996).

“Krishna: Tens razão dizendo que é muito difícil dominar a mente, porque é instável e inclina-se ora para um ora para outro objeto; entretanto, quem fortaleceu a sua vontade por meio de exercícios e disciplina pode ser senhor de seu coração, senhor de sua mente” (Bhagavad-Gita, Esnoul, 1972).

“Assim sentado, domina a sua mente e dirige o pensamento a um ponto de concentração, retendo, ao mesmo tempo, as impressões dos sentidos e não deixando entrar na mente pensamentos que vagueiam. Nessa posição, conservando calma e persistência, purifica a sua alma, dirigindo a consciência ao Eu Real, ao Absoluto, que é a base de todos os seres” (Bhagavad-Gita, Esnoul, 1972).

Brahman, pura essência e nos convida a nos juntarmos a ele... Quantas vezes o pequeno Wilfred teria ouvido da voz da sua *ayah* indiana essa exortação? Esta exortação religiosa serve também para lembrar, a mim e a vocês, que somos, enquanto seres humanos que vivemos em grupo, dominados pelos assuntos de base.

Considero que a estes assuntos de base podemos aplicar aquilo que escreve o antropólogo Latour (1991) quando afirma que três quartos das nossas práticas e dos nossos pensamentos estão submersos no passado. Mas, para podermos compreender isso, devemos acolher a ideia de um tempo múltiplo, a presença conjunta de vários tempos históricos.

Também em Cherchi (1996), quando fala do nosso *ser assim*, do mundo histórico no qual nascemos e crescemos, que historiciza o nosso eu, há um apelo a uma obscuridade do nosso ser e do nosso agir. Considero que esta *obscuridade*

do nosso ser e do nosso agir é devida ao fato de que as formas de ligação desenvolvidas durante a infância permanecem relativamente estáveis ao longo da vida e podem também ser transmitidas de uma geração a outra. (Goldberg, 1991¹ *apud* Taylor, Bagby & Parker, 1997; Slade & Aber, 1992² *apud* Taylor, Bagby & Parker, 1997).

“Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo. Porque os corpos se entendem, mas as almas não” (Bandeira, 2002, p. 145). Uma homenagem ao vosso poeta Manoel Bandeira (2002), que talvez emocione vocês. Estes versos nos lembram que as emoções envolvem todo o corpo e podem ser percebidas pelos outros diretamente, sem necessidade de uma comunicação verbal e antes mesmo que o próprio sujeito esteja consciente de seu estado emocional subjetivo. Há situações nas quais uma pessoa pode, sem se dar conta, tornar-se o *continente* das emoções inconscientes de um outro e reagir em consequência (Buck, 1994³ *apud* Taylor, Bagby & Parker, 1997; Schwartz, 1987⁴ *apud* Taylor, Bagby & Parker, 1997). Bion foi continente das emoções da sua *ayah* e de quantos outros indianos?

Não se trata somente de mecanismos individuais, mas de processos inter e transpessoais que operam na matriz compartilhada do grupo, no interior da qual acontecem as mudanças. No âmbito dessa rede relacional transpessoal inscreve-se o jogo de vai e vem, projeção e introjeção, externalização e internalização (espelhamento) (Pisani, 2005). Antes de iniciar a falar da cultura hindu, é necessário dizer que na cultura hindu, mais do que uma tendência à solução dos problemas, existe a possibilidade de uma *suspensão* dos diferentes pontos de vista de uma determinada questão e que na *psique hindu* conservam-se indícios vivos dos valores tradicionais mais antigos, como os mitos e os rituais e que todo o conteúdo latente tende a se manifestar na vivência quotidiana em virtude da prevalência do pensamento de processo primário (pensamentos oníricos, mitos e sonhos) (Caldironi, 2003).

¹ Goldberg, S. (1991). Recent developments in attachment theory and research. *Canadian Journal of Psychiatry*, 36:393-400 *apud* Taylor, J. G.; Bagby M. R. & Parker A. D. J., (1997).

² Slade, A. & Aber, J. L. (1992). Attachments, drives, and development: conflicts and convergences in theory. In J.W. Barron, M. N. Eagle & D. L. Wolitzky (Eds.). *Interface of psychoanalysis and psychology*, pp. 154-85. Washington, DC: American Psychological Association *apud* Taylor, J. G.; Bagby M. R. & Parker A. D. J., (1997).

³ Buck, R. (1994). The neuropsychology of communication: spontaneous and symbolic aspects. *Journal of Pragmatics*, 22: 265-78 *apud* Taylor, J. G.; Bagby M. R. & Parker A. D. J., (1997).

⁴ Schwartz, A. (1987). Drives, affects, behavior-and learning: approaches to a psychobiology of emotion and to an integration of psychoanalytic and neurobiologic thought. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 35: 467-506 *apud* Taylor, J. G.; Bagby M. R. & Parker A. D. J., (1997).

Portanto, Bion teve contato não somente com as emoções dos seus pais, mas também com as emoções da sua *ayah* e de muitos outros hindus, na maior parte de baixa casta. Terá, por acaso, encontrado, terá escutado as populações mais antigas da Índia, aquelas das várias línguas *munda*? Na cultura *munda* não há distinção entre o masculino e o feminino, mas entre o gênero *animado* e aquele *inanimado*, não existem adjetivos, mas substantivos justapostos, com valor de qualificativos. O grupo das línguas *munda*, entre as línguas primitivas, é o mais difundido na terra desde Panjab até as costas da América do Sul (Daniélou, 1983).

Em 1983 o conjunto das tribos de língua *munda*, chamados pelos hindus *Adivasi*, que significa *primeiros habitantes*, era aproximadamente de quarenta milhões de indivíduos que viviam, em sua maioria, nas montanhas ou nas florestas da Índia (Daniélou, 1983). Um grupo de *Adivasi*, a tribo dos Lanja Saora, do estado hindu do Orissa, estudado por Beggiora, vivia em torno dos seus *Kuran*, os xamãs, em contínuo contato com os espíritos da floresta e realizavam antigos rituais e apreendiam a tradição sagrada através dos sonhos (Beggiora, 2003; Giampà, Beggiora & Caldironi, 2002). O quanto os pensamentos de Bion estarão *submersos no passado*, também no dos *Adivasi*, até há 50.000 anos atrás? O quanto essas arcaicas emoções, que envolvem todo o corpo, o quanto a memória emocional, tão carregada de *antigos pensamentos* do pequeno Wilfred, explodiram em uma emoção que provocou o surgimento, no corpo do velho Bion, da leucemia que o levaria rapidamente à morte?

Que místicos demônios hindus afloraram do passado do pequeno Wilfred? Os ascetas hindus sabem, há milhares de anos, que, para alcançar o *Moksha*, que significa *libertação*, devem eliminar com o Yôga a ligação do corpo com o *Atman*, o eu, para poderem se *tornar brahman*! Bion, continente da *voga* de sua *ayah* e de sua mãe, tentou tornar sua mente insaturada justamente com os *instrumentos mentais* nascidos e pensados pelos *brahmanes*.

Bion (1970), através do convite para sermos mentalmente insaturados, conclui: “Deve-se procurar uma atividade que seja tanto a restauração de deus (a mãe) como a evolução de deus (o informe, infinito, inefável, inexistente), que pode ser encontrado somente no estado em que *não* há memória, desejo, compreensão” (p. 174). Afirma Bion (1970) que “por definição e tradição de toda a disciplina científica, o movimento psicanalítico está consignado à verdade como objetivo principal” (p. 110).

O mesmo objetivo tem sido, há quase um milênio, aquele dos *brahmanes*. Os *brahmanes*, no ambiente hindu, partiram das reflexões sobre um estilo de

pensamento poético e místico (Grade: C4, C5), aquele das mais antigas *Upanishad*⁵ vedas (*Brhadaranyaka Chandogya*), cuja organização parece remontar aos inícios do primeiro milênio antes da era cristã, iniciando as especulações sobre a Realidade e sobre a Verdade. As especulações dos budistas, ao contrário, partiram da literatura que explicava o *Dhammapada* (Cânone Budista), chamada de *Abhidharma*, para uma reflexão filosófica sistemática e fundada sobre o raciocínio. “Bion certamente absorveu muito da cultura hindu. Quando criança falava o indústani, tinha um conhecimento da religião hindu e do misticismo hindu e do sentimento de poder aguardar e esperar” (Talamo, 1997, s/p).

Na Europa, Bion recebe o diploma de *bachelor of arts*, em 1921, com um interesse particular pela filosofia de Kant (Bléandonu, 1990). Em seguida terá interesse pelo pensamento neoempirístico do assim chamado Círculo de Viena, irá alargar os seus conhecimentos entre outras coisas até Paul Dirac e Bertrand Russel e Martin Buber (Sandler, 2002). Talamo (1997) afirmava que em Bion “havia certamente um nível, uma estratificação que tinha se tornado completamente inconsciente, de um conhecimento de uma língua indo-europeia que tinha sido completamente esquecida” (s/p).

A ideia de Bion era que “se você olhar dentro de um indivíduo, verá um inteiro grupo de pessoas; o ser humano é uma espécie de palimpsesto” (Talamo, 1997, s/p). Para além do pensamento de Bion e do pensamento indiano, é possível encontrar hoje, na *globalidade* da cultura ocidental, uma conjunção que nos remeta a Bion? Penso que sim. Lembro aqui da hipótese de Edelman (1995) de que a capacidade potencial de pensar e de criar pensamentos depende das interações sociais e culturais, das convenções, da lógica e da metáfora. O filósofo da mente Jerry A. Fodor (2001), uma autoridade no campo das ciências cognitivas, afirma que os estados mentais são realizações entre os indivíduos e representações mentais.

A partir do *darshana* (em sânscrito, *do ponto de vista*) da civilização hindu tentei ver qual a relação que existe entre aquilo que Bion define como *psicanálise científica*, isto é, “a disciplina que proponho para o analista, a saber, evitar a memória e o desejo no sentido em que usei esses termos” (Bion, 1970, p. 50), e o pensamento especulativo dos *brahmanes* e dos budistas.

⁵ *Upanishad*, em sânscrito, significa instruções: são explicações para entender o *corpus* dos textos vedas que remontam de 3.000 a.C. a 1.500 a.C. As *Upanishad* são um “Conjunto de textos, alguns em prosa outros em versos, do primeiro milênio a.C. Seriam a ciência esotérica das correspondências de cada espécie que sustentariam os diversos níveis da manifestação: *Upanishad*, a ciência dos paralelismos, das homologias que podem ser estabelecidas entre o corpo (a pessoa humana), o sacrifício e o cosmos” (Hulin, 1996, Vol. 5, p. 1-5).

A respeito do pensamento de Bion e sua relação com a cultura hindu, escrevíamos que “para praticar a psicanálise nas condições ideais, sugeridas por Bion, devemos poder tolerar o medo do incognoscível, poder experimentar uma realidade psíquica profundamente primitiva” (Giampà & Fiorespino, 1997, s/p). Juntamente com Bion, colocamos a questão sobre que resposta dar ao problema de como tratar os nossos desejos e lembranças conscientes. Que tipo de *psicanálise* é necessária para o consciente? Como, com a nossa mente ocidental, podemos reagir ao conceito de Bion (1970) de alcançar um estado de mente tal a ponto de sentir, a cada sessão, nunca ter visto antes aquele paciente?

Iniciando a pesquisa sobre o pensamento indiano a respeito de *Dream – like memory*, vimos que, para os hindus, a *verdadeira consciência* não é atingível através de pensamentos racionais, aliás, a *razão* afasta, satura a possibilidade de conhecer. Podemos nos aproximar da verdadeira realidade somente afastando-nos do estado de vigília, imergindo-nos em uma dimensão meditativa-contemplativa da mente, mais próxima daquela do sonho. O sonho, para os hindus, pertence ao domínio das coisas que são e, ao mesmo tempo, não são, é um *tempo* suspenso. Somos, também, reconfortados pelo pensamento de Wittgenstein (1999), quase um pensamento bioniano, que afirma

Não se pode dizer a verdade, se ainda não se domina a si próprio. Não a podemos dizer; mas não porque não sejamos inteligentes o suficiente. Pode dizê-la apenas aquele que já repousa nela; não aquele que repousa na não verdade e somente da não verdade se distancia uma mão em direção a ela (Wittgenstein, 1999, p. 24).

O comentário de Gargani (1999) a este enunciado, através de afirmações similares dadas por Bion, parece-me brilhante:

Não temos imediatamente à disposição a verdade (se não, não existiria nem o seu problema) e ao mesmo tempo é necessário encontrar-se na verdade e nela habitar para podermos exprimi-la. A verdade é um estado que é expresso através de uma dura disciplina interior; portanto, não através de uma estática atitude passiva, mas através de um trabalho de subjugamento interior de nós mesmos (Gargani, 1999, p. 24).

Concluíamos que

É possível um treino da mente para colocar de lado a memória, o desejo,

até aquele de compreender e curar, para poder viver aquilo que o encontro nos propõe e ir buscar a parte mais *profunda* de nós mesmos e do outro (*at-one-ment*) O (Caldironi & Giampà, 2000, s/p).

Não concordo com as afirmações da historiadora da psicanálise Silvia Vegetti Finzi (1986, p. 352) quando afirma que, aproximando o pensamento místico às finalidades da investigação científica, Bion se propõe a colocar a psicanálise em uma dimensão intermediária entre a cultura ocidental e a oriental, que supere a parcialidade e as impotências de ambas.

Bion não utiliza o pensamento místico – como veremos mais adiante, ao falar seja de Sankara e Panini seja da *Dream-like memory* – e sim o pensamento *científico* dos filósofos brâmanes e propõe uma mente (aparelho para pensar os pensamentos) treinada para não ser contagiada totalmente pela *maya* (ilusão). Do meu ponto de vista, Bion, com a sua Grade, a sua régua de cálculo, se aproxima ao máximo da Realidade Última, partindo dos elementos Beta até chegar ao sistema dedutivo científico e ao cálculo algébrico.

Franco Voltaggio (2000, s/p), filósofo, supõe que Bion pensasse

na álgebra abstrata, na qual não existem propriedades notáveis, mas são todas propriedades desconhecidas; nem operações determinadas, porque são todas operações indeterminadas. Álgebra que coloca em relação as coisas entre si, a ideia do conhecimento como conjunção entre diversos elementos.

Álgebra, que responde a pulsões profundas, que deveria nos aproximar da Realidade Última. De forma semelhante, com uma grade diferente, o gramático Panini⁶ (Século IV a.C.) tinha fixado as normas, quase científicas, para a gramática sânscrita, que teria possibilitado chegar, através do uso justamente da palavra, à Realidade Última.

Bion (1992), no *Comentário sobre o sistema dedutivo-científico*, escreve:

O aumento da força do ego leva a um aumento da força de aprisionamento da palavra; a palavra é a manifestação do objeto; o objeto é uma parte do ego contida na palavra (p. 170).

⁶ Panini *apud* Padoux, A. (1996). Le speculazioni indiane sul linguaggio. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 3). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

Mas, postulando a existência da *voga* como a força bloqueante do aparelho para pensar os pensamentos, tinha chegado à conclusão de uma Verdade Última inatingível:

[...] *voga*, com o que quero dizer algo extremamente poderoso, não apenas a moda passageira que muda de hora em hora, dia a dia, mês a mês. Estou querendo dizer algo que persiste e que é parte essencial do equipamento permanente do ser humano. Penso que existe a mesma força dominante ditando a forma que o próprio pensamento assume, seja ele pensamento histórico, seja musical [...] (Bion, 1992, p. 369).

Para mim, *voga* e religião são inseparáveis, são uma amálgama das emoções de medo/ódio/cólera/agressividade.

Qualquer religião específica muda de acordo com a moda dominante; mas a coisa fundamental, a própria religião, não muda. Constitui uma força muito poderosa [...], esteja ela localizada em Deus, nas pessoas, no clero, ou nas autoridades da corte (*loc. cit.*).

Os brâmanes filósofos tentaram libertar-se de pensamentos oníricos, mitos, sonhos e chegar a um sistema dedutivo científico, por eles definido *a via do conhecimento*, através de uma inibição disciplinada de memória e desejo, que os levasse a serem o *Brahman*, o fundamento oculto dos fenômenos, fundamento oculto da organização dos fenômenos em *único*. O *Brahman* é o Sat-Asat-Anirvacaniya, *indeterminável como ser ou não ser*.

Bion (1992) considerava que a psicanálise, afinal de contas, era apenas uma forma de comunicação verbal e que havia limites para o que se podia fazer com ela.

A *comunicação verbal*, a palavra, o enunciado fonético, sempre teve uma *função cósmica essencial*, a linguagem sempre foi, para os pensadores hindus, a via para chegar a compreender a Revelação, seja a do *Veda*, seja a do *Upanishad*. Criaram uma *filosofia gramatical ativa*, ligada à teoria do conhecimento, uma filosofia que, por outro lado, nunca estava separada da teologia e da metafísica.

O poeta e gramático Bhartrhari⁷ (Século V d.C.), herdeiro da tradição de Panini, colocava a *palavra* na origem da criação do universo, afirmando a função

⁷ Bhartrhari *apud* Padoux, A. (1996). Le speculazioni indiane sul linguaggio. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 3). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

da palavra como substrato do mundo além de fundamento do conhecimento, como está escrito no seu livro *Vakyapadiya, Da frase e da palavra* (Padoux, 1996). Recitar, memorizar as palavras do *Veda* é um rito necessário na busca da palavra originária.

Para os hindus, a ideia fundamental é de que as palavras-sons existem de uma vez por todas e permanecem de forma definitiva no espaço cósmico (*akasa*) (são os *pensamentos em busca de um pensador* de Bion?). E nós, analistas, não buscamos a palavra na sessão psicanalítica? Não evocamos a palavra que cria o *at-one-ment*? Não tentamos capturar, das esferas de pensamentos que não têm pensadores, a palavra que liberta da angústia, da dor mental?

Para os hindus, a partir do som da sílaba *om*, *misticamente* se diferenciam os estados da consciência: vigília, sonho, sono profundo, quarto estado (*turiya*). Guadapada⁸ (Século VII), a respeito do sonho, afirma que não existe nenhuma diferença ontológica entre os objetos próprios do sonho e aqueles da experiência diurna, já que uns e outros são puramente subjetivos, emanados do poder da ilusão (*maya*) que o eu consciente exercita sobre si mesmo (Hulin, 1996a).

Bion cresceu em um país onde a crença fundamental é a irrealidade transcendente do mundo fenomenológico. Enquanto os sentidos, para nós ocidentais, nos aparecem testemunhas e garantias irrefutáveis, na Índia são origem de erro e ilusão cósmica (*Maya*). Para os hindus, a única realidade imediata, incontestável, é aquela que dá a consciência, a intuição, que revela, para além dos aspectos enganáveis do eu, o Absoluto, seja em forma positiva – o estar em si, *Atman-Brahman* (é a lição do comentário Vedanta aos *Veda*) – seja em forma negativa: o nada (a lição do budismo).

Quais emoções terá vivido Bion criança, quais terão sido as reflexões do psicanalista Bion diante das palavras dos sutra, dos mantras recitadas para os encantamentos de longa vida (*ayusya*), para curar as doenças ou a posse demoníaca (*bhaisajya*), para maldições contra os demônios, bruxos, inimigos (*abhicarika*) e depois os encantamentos do amor (*strikarman*), as preces expiatórias (*prayascitta*)?

A Índia inventou o zero (*kha*)⁹. Bion formula o *O*, que pode ser também o zero, o desconhecido, o vazio, a Verdade Última, que, para os textos védicos, é também a Unidade Última de todas as coisas, *brahman*. Para o *Mestre Sankara*, que viveu no VIII século da nossa era, o *brahman* é uma substância única, indiferenciada (*ekarasa*), para além de qualquer qualificação, o *brahman* se

⁸ Guadapada *apud* Hulin, M. (1996a). I sistemi filosofici dell'India. 1: I darsana. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 5). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

⁹ N.A.: *Kha*, palavra sânscrita, além de zero, significa buraco, orifício, ponto, espaço infinito, céu, ar, felicidade, conhecimento, atividade!

apresenta como “Aquilo a partir do qual existe o surgimento (a conservação e a dissolução) deste universo” (Brahma-sutra¹⁰, I, 1-2). E Bion (1992) escreve que a psicanálise se propõe alcançar uma verdade que está além da aparência.

O *brahman* é a realidade; o universo é ilusão.

Em *brahman*, a felicidade exprime em primeiro lugar a sua plenitude e é, como dizem as *Upanishad*, a ausência de medo (*abbaya*). *Brahman* é felicidade na medida em que transcende a contraposição entre externo e interno, portanto não vê nenhum Outro diante de si. Será este estado emocional do eu (*Atman*), sem contraposição entre externo e interno, sem *nenhum Outro diante de si*, que Bion quer fazer o analisando experimentar, quando propõe que “O analisando se reconcilie ou fique de acordo consigo mesmo?” (Bion, 1970, p. 49).

Ser *cit* (consciência pura) é ser *brahman* imediatamente. O psicanalista deve concentrar a própria atenção em *O*, o desconhecido e o incognoscível, *indeterminável como ser ou como não ser*. Então pode se tornar consciência sem conteúdo determinado, ter um espaço interno de representação capaz de acolher as mais diversas representações concretas, justamente por causa da sua vacuidade.

Segundo Sankara, é o eu (*Atman*) aquilo que, a partir do interno, unifica a pessoa, origem única dos seus atos, dos seus pensamentos, dos seus comportamentos, que cria *Brahman*. A definição do eu alcança um nível de refinada intelectualidade moderna: “*Atman* reside no coração, é pequeno como a centésima parte de um grão de milho e é maior do que a terra” (Hulin, 1996b, p. 22-23).

Atman transcende o espaço e o tempo (Hulin, 1996b). Bion define a mente como infinita e indefinível no capítulo trinta e oito do primeiro volume da sua trilogia.

Quando ser *cit* (consciência pura) pode levar um ocidental ao *medo psicótico* ou ao *pânico psicótico*, enquanto “sente a própria emoção ir embora e se perder na imensidão”? (Bion, 1970, p. 22). É possível “sermos sem desejos”?

Também Siddharta vem em nosso auxílio com o *Sermão de Benares*. A doutrina budista é uma doutrina-medicina, o seu sermão no Parque das Gazelas, perto de Benares, segue um esquema médico, como costumavam fazer os ascetas médicos nas suas pregações: um diagnóstico, uma etiologia, um prognóstico e a prescrição de uma receita.

Diagnóstico do *Buddhaa*: Existe sempre um mal-estar, alguma coisa que não está bem, na existência humana. (Bugault, 1996, p. 7).

Etiologia: “o ponto de origem deste mal-estar, desta insatisfação, é a sede”

¹⁰ Brahma-sutra *apud* Hulin, M. (1996b). Sankara e il Vedanta. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 5). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

(Bugault, 1996, p. 7) em sentido próprio e mais genericamente como protótipo do desejo.

Prognóstico: “é possível pôr fim a este estado de coisas, e é o *nirodha*” (Bugault, 1996, p. 7) ou *nirvana*: extinção do eu-que-tem-sede.

Prescrição terapêutica: receita em oito pontos:

Retificar (*samyak*) os nossos pontos de vista, as nossas concepções, as nossas palavras, as nossas ações, os nossos meios de subsistência, os nossos esforços, a nossa atenção e presença de espírito (*smirti*), a nossa potência de concentração e recolhimento (*samadhi*).

Em síntese, para não ter *desejos*, o Buddha, o *desperto* do sonho da vida e do *universo* para a *verdade*, nos ensina a via a ser percorrida para não tomarmos por real aquilo que não é nem real e nem irreal: o eu, o mundo. Estes não são nem absolutamente reais, nem puro nada (Bugault, 1996).

O psicanalista que não deve fornecer uma *revelação externa*, através dos *Veda*, tem que, com *paciência e segurança* e na *ausência do medo*, acrescento eu, esperar que a sessão analítica *evolua* tornando manifesto O em K através do emergir de acontecimentos efetivos. Tornar-se O, ser em O, pode corresponder àquilo que é, para Sankara¹¹ (*apud* Hulin, 1996b), o *quarto estado* da consciência, aquele que segue o sono profundo. É *o estado da memória do vazio da cena mental constatado naquele momento*. Chama-se *quarto estado*, não nomeado porque desconhecido à experiência corrente.

Para Michel Hulin (1996b), comentador do Sankara,

[...] o quarto estado poderia se definir um sonho profundo lúcido, isto é, uma ausência de representações contra as quais, desta vez, a consciência não protesta mais de forma surda, como ao contrário no sono profundo. O ingresso neste estado pressupõe, de fato, que a consciência finita tenha se despojado de qualquer intencionalidade, isto é, tenha abandonado a extroversão originária que faz com que busque sempre o seu bem – e tema o seu mal – fora de si mesma [...]. Eis porque não possui somente a dignidade de um estado místico extraordinário, comparável ao samadhi do Yôga, mas se apresenta também como estado natural e fundamental da consciência, de qualquer forma subjacente aos outros três (vigília, sonho, sono profundo). Sankara faz vacilar o prejuízo maior, que considera o estado de vigília ordinário o horizonte e a norma de qualquer percepção exata, como também

¹¹ Sankara *apud* Hulin, M. (1996b). Sankara e il Vedanta. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 5). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.

de qualquer procedimento intelectual seguro, o lugar onde a cena mental seria iluminada ao máximo grau possível e desejável. Para aquele que penetra no quarto estado é, ao contrário, a experiência vigilante inteira, com os saberes, com os valores, e as convenções sociais que a estruturam, aparecendo, retrospectivamente, [como] um simples sonho *bem organizado* (Hulin, 1996b, p. 30-32).

O *quarto estado* permite a dissolução da personalidade individual cristalizada em torno da sensação do eu. A *Dream-like memory* (1970) de Bion, do meu ponto de vista, se aproxima das teorizações de Sankara. Associo o pensamento de Sankara sobre o *quarto estado* como *experiência vigilante inteira* à nota quatorze do capítulo trinta e oito do *sonho de Bion*:

A teoria dos conjuntos (Matte Blanco) poderá estimular uma revisão da relação entre os *estados mentais* quando se está acordado, conscientes e racionais, e os *estados mentais* quando se está dormindo; especialmente, poderão ser novamente examinados os resumos feitos por um ser plenamente consciente e vigilante em relação àquilo que ele diz ser um sonho (Bion, 1975, p. 241-242).

Concluindo, chamo a atenção para o fato de que Bion, através da *psicanálise científica*, queria acostumar o analisando a permanecer, com sua emoção-medo, próximo ao desconhecido, o *sat – asat – anirvacaniya, indeterminável como ser ou como não ser*, o sem forma, o infinito, o inefável, o não existente. Para que isso possa acontecer, o psicanalista deve observar o que está acontecendo naquele momento específico, não pensar no passado e não imaginar o futuro. Desta forma pode estar em unísono com a Realidade. Bion propõe o mesmo que os brâmanes ou os ascetas fazem: fixar o pensamento entre duas palavras, ou então num ponto fixo do espaço circundante, para chegar a ser *brahman...* Mas o medo de não lembrar, do nada, do desconhecido, do sem forma, do escuro, nos condiciona em toda atividade mental.

Os estudos de N. K. Kalin sobre a biologia do medo (1993) e aqueles de J. E. Le Doux (1994) sobre emoção, memória e cérebro abrem novos espaços para a reflexão sobre os afetos, que hoje em dia envolve, ao mesmo tempo, a psicologia do desenvolvimento, a psicologia da personalidade, a neurobiologia, a psicanálise, a psiquiatria biológica, a psicopatologia, a medicina psicossomática e as ciências da comunicação (Taylor, Bagby & Parker, 1997).

Bion tinha intuído essas relações quando escrevia: “Suspeito – não é nada

mais do que uma suspeita ou uma idéia nascente – que a mente e a personalidade tenham uma parte correspondente física [...] cada psique tem uma parte correspondente física no sistema nervoso central.” (Bion, 1975, p. 183). E acrescenta: “[...] considerar a relação entre corpo e mente (ou personalidade, ou psique) como aquilo que é sujeito à investigação” (1992, p. 315). Como concluir?

O prêmio Nobel Edelman (1993, p. 271-272) considera que os dados das neurociências, por si só, não poderão jamais explicar o pensamento; “As tentativas de reconduzir a psicologia às neurociências estão destinadas ao fracasso”. Hao Wang, (cito de memória), em 1994, afirmava que existem processos conscientes que não são conhecidos hoje em dia, portanto não podem ser nem pensados nem representados “em termos fisiológicos, físicos, ou computacionais”.

E Bion (1992) supunha a existência de “um espaço multidimensional de extensão e características impensadas e impensáveis” (p. 314). Em *Notas sobre memória e desejo*, (1992, p. 293) conclui: “Penso que se deveria permitir que a teoria lógica e as ilogicidades da experiência psicanalítica coexistam até que a desarmonia observada seja resolvida pela *evolução*”. □

Abstracts

Reflecting upon Wilfred R. Bion’s thinking and its connections to the indian philosophic thinking

In his book *Attention and interpretation: a scientific approach to insight in psychoanalysis and group* (1970) Wilfred R. Bion proposes a *scientific psychoanalysis*, that is, a discipline consisting in avoiding memory and desire. In this paper I *compare* the Euro-Asian W. R. Bion’s thinking to the speculative thinking of the Brahmans and the Buddhists. Our starting point is the idea that the co-presence of historic times in each life and of the many societies is present within ourselves, and that this co-presence (or common presence) is a call to the darkness of our being and of our acting. This darkness has been enlightened by some religious people and/or philosophers and/or mystic Indians: Bhartrhari, Gaudapada, Sankara, and these *truths* have a place in W. R. Bion’s reflections and in the constitution of the *scientific psychoanalysis* statute.

Keywords: scientific psychoanalysis, Vogue, Dream, Veda, Upanishad, Turiya, dream like memory.

Resumen

Reflexionando sobre el pensamiento de Wilfred R. Bion y sus conexiones con el pensamiento filosófico indiano

En su libro *Attention and interpretation. a scientific approach to insight in psychoanalysis and group* (1970), Wilfred R. Bion propone el *psicoanálisis científico*, esto es una disciplina consistente en el evitar la memoria y el deseo. En este trabajo, *comparo* el pensamiento del euroasiático W. R. Bion con el pensamiento especulativo de los brahmanes y de los budistas. Partiendo de la idea de que la copresencia de tiempos históricos en la vida de cada uno y de las varias sociedades está presente en nosotros y que esta copresencia (o presencia común) es una llamada a la oscuridad del nuestro ser y del nuestro hacer. Esta oscuridad viene siendo iluminada por algunos religiosos y/o filósofos y/o místicos indios, Bhartrhari, Gaudapada, Sankara y estas verdades vienen ocupando lugar en las reflexiones de W. R. Bion y en la constitución del estatuto del *psicoanálisis científico*.

Palabras clave: psicoanálisis científico, Vogue, sueño, Veda, Upanishad, Turiya, sueño como memoria.

Referências

- Bandeira, M. (2002). *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Beggiora, S. (2003). *Sonum: spiriti della giungla: lo sciamano delle tribù Saora dell'Orissa*. Milano: Franco Angeli.
- Esnoul, A. M. (1972). *Bhagavad-Gita*. Milano: Adelphi, 1976.
- Bion, W. R. (1970). *Attenzione e interpretazione*. Roma: Armando Editore, 1973.
- . (1975). *Memoria del futuro, Il Sogno*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1993.
- . (1992). *Cogitations*. Roma: Armando, 1996.
- Bléandonu, G. (1990). *Wilfred R. Bion: la vita e l'opera. 1897-1979*. Roma: Borla, 1993.
- Bugault, G. (1996). Il buddhismo indiano e alcuni aspetti della sua logica. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 4). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- Caldironi, L. & Giampà, M. (2000). “La memoria come sogno” ovvero “Dream-like memory”: A. M. P. Seminari straordinari 2000. Recuperado em fevereiro de 2014 em <http://www.psychomedia.it/neuro-amp/straord/b12-giampa.htm>.
- Caldironi, L. (2003). *Guru mediatore di guarigione*. Recuperado em fevereiro de 2014 em <http://www.psychomedia.it/pm/grpind/magscia/cldironi1.htm>

- Cherchi, P. (1996). *Il peso dell'ombra*. Napoli: Liguori.
- Daniélou, A. (1983). *Histoire de l'Inde*. Paris: Librairie Arthème Fayard.
- Daumal, R. (1968). *I poteri della parola*. Milano: Adelphi edizioni.
- Edelman, G. M. (1993). *Sulla materia della mente*. Milano: Adelphi Edizioni (titolo originale: Bright Air, Brilliant Fire – On the Matter of the Mind, 1992 By Basic Books – HarperCollins Publishers Inc)
- _____. (1995). Memoria e anima individuale: contro uno sciocco riduzionismo. In *Nature's imagination: The frontiers of scientific vision: a cura di Cornwell J.*. Oxford: Oxford University Press.
- Fodor, J. A. (2001). *Mente e linguaggio: la cura (adiante temos la paura, o medo) di Ferretti, F.* Bari: Laterza.
- Gargani, A. G. (1999). Il coraggio di essere. In L. Wittgenstein, (1999). *Diari segreti*. Roma-Bari: Laterza, 1999.
- Giampà, M. & Fiorespino, F. (1997). *Between east and west: "the absence of memory and desire" and counter-transference*. Recuperado em fevereiro de 2014 em <http://www.psychomedia.it/pm/indther/psan/giampafiore.htm>
- Giampà, M.; Beggiora, S. & Caldironi, L. (junho, 2002), Il sogno e lo sciamano nei gruppi tribali sub-himalayani. *Funzione gamma Journal*, 9. Recuperado em fevereiro de 2014 em <http://www.funzionegamma.it/wp-content/uploads/sogno-sciamano9i.pdf>
- Hulin, M. (1996a). I sistemi filosofici dell'India. 1: I darsana. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 5). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- Hulin, M. (1996b). Sankara e il Vedanta. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 7). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- Kalin, N. K. (julho, 1993). La neurobiologia della paura. *Le Scienze*, 299.
- Latour, B. (1991). *Nous n'avons jamais été modernes*. Paris: La Découverte.
- Le Doux, J. E. (1994). Emozione, memoria e cervello. *Le Scienze*, 312.
- Padoux, A. (1996). Le speculazioni indiane sul linguaggio. In *Enciclopedia multimediale delle scienze filosofiche* (Vol. 3). Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- Pisani, R. A. (2005). *Elementos de análise de grupo: os grupos pequeno e médio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sandler, P. C. (junho, 2002), *O desassossego de Russell, as irrelevâncias de Dirac*, IDE n° 35.
- Talamo, P. B. (1997). L'apporto di Bion alla psicoanalisi: A. M. P. : Seminari 1996 – 97. In *Seminari di Neuropsichiatria e Psicoterapia*. Roma: Universitarie Romane. Recuperado em fevereiro de 2014 em <http://www.psychomedia.it/neuro-amp/96-97-sem/bion-bion.htm>.
- Taylor, J. G.; Bagby M. R. & Parker A. D. J., (1997). Disorders of affect regulation: Alexithymia in medical and psychiatric illness. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vegetti Finzi, S. (1986). *Storia della Psicoanalisi*. Milano: Arnoldo Mondadori.

Voltaggio, F. (2000). *W. R. Bion e la conoscenza*. Recuperado em fevereiro de 2014 em <http://www.psychomedia.it/neuro-amp/straord/b2-voltaggio.htm>

Wittgenstein, L. (1999). *Diari segreti*. Roma-Bari: Laterza, 1999.

Recebido em 25/06/2013

Aceito em 24/07/2013

Tradução de **Marta Petricciani**

Revisão técnica de **Suzana Iankilevich Golbert**

Mario Giampà

Viale di Trastevere, 118

00153 – Italia – Roma

e-mail: mariogiampa@tiscalinet.it

© *Attualità in Psicologia*

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA